

*“Quem se dedica a historicizar a multidão, (...) se vê tendo de enfrentar o poder e a autoridade dos arquivos e os limites que eles estabelecem com relação àquilo que pode ser conhecido, à perspectiva de quem importa e a quem possui a gravidade e a autoridade de agente histórico”*

(Saidiya Hartman, *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos*, 2022)

A atual edição da Revista Garrafa é um desdobramento do seminário *Poiésis de Arquivo: entre Invenção e Conservação* realizado em 2022, contando com artigos desenvolvidos a partir das comunicações apresentadas. O seminário é um encontro organizado pelo departamento de Letras da PUC-Rio, que já conta com quatro edições, que ocorrem desde 2017. A ideia do seminário começa a partir de debates em sala de aula em virtude da disciplina Arquivo Literário e Memória Cultural, supervisionada pela professora Marília Rothier Cardoso. Já tradicionalmente associado a um convênio de pesquisa entre a PUC-Rio e a Fundação Casa de Rui Barbosa, o programa do curso acabava de firmar, no mesmo ano de 2017, um acordo excepcional com o Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro que durou até o ano de 2019, sob a supervisão e coordenação de Ileana Pradilla e suporte técnico de Elizama Almeida.

Inicialmente, diversas considerações foram tecidas a partir de leituras que ampliaram o tema da memória para além dos arquivos propriamente literários, enquanto se baseavam no esgarçamento e na expansão do estatuto literário diante das novas cenas da escrita e das ações de arte, assim como da crítica cultural, fortalecendo novas pautas diante do retrocesso político que então se anunciava e que ainda estava por vir. Esses textos estão ligados a temas que se desdobram de noções como a perda da autonomia da literatura, cunhada por Josefina Ludmer em 2007, ou ainda como a *inespecificidade* no campo das artes contemporâneas, formulada, em 2014, por Florencia Garramuño. Todas essas noções lançam mão de uma perspectiva híbrida e sedimentar do jogo discursivo e das concepções de escritas, tramando a letra e os corpos, o visual e o sonoro, o ritual e o institucional, o resíduo e o monumento num tecido performático acionado por uma variedade de suportes e materialidades entre a realidade e a ficção — entre o documento e a fabulação. Nessa ambiência, os estudantes dividiram sua carga horária entre a sala de aula e a prática de estágio no IMS, onde se relacionaram diretamente com a prática de pesquisa em arquivos de literatura, fotografia e música popular brasileira.

De forma subjacente, surgem dois trabalhos de importância inequívoca para a série de desvios que se anunciavam na direção de um seminário que pretende pensar a memória e as práticas arquivísticas por uma mirada minoritária, como alternativa suplementar às datadas

políticas patrimonialistas. Primeiro com Nietzsche e as suas considerações extemporâneas, principalmente o debate presente na segunda consideração de *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*. Ao formular a crítica ao historicismo, o autor nos abre uma rota precisa para formulações balísticas sobre a necessidade do esquecimento como processo ruminante, clínica digestiva que aponta para a liberação da vida contra os estilhaços da barbárie moderna, ao mesmo tempo que parece projetar vias aéreas para outros sopros narrativos que, oxalá, saibam dançar.

O trabalho de Jacques Derrida em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*, no qual um extenso relevo crítico se configura envolto nas noções de deslocamentos, entrelugares, intertextualidades e desconstrução, inspirou um conjunto de referências para o pensamento arquivístico da atualidade que cruza bibliografias, seleções e mostras em instituições de arte. Além de pesquisadores, críticos geneticistas, cineastas, programadores de códigos e softwares livres, incitaram ações que cuidam, processam, cantam, reúnem apensos, leem margens, fazem feitiço, escutam as matas e salvaguardam os arquivos materiais e imateriais. Na conferência de Derrida, encontramos uma zona de irradiação que segue pondo em órbita um conjunto de antigos problemas que hoje são afetados por outras forças. São zonas de calor caracterizadas por tensões radicais, fruto das transformações geopolíticas, tecnológicas e subjetivas do século XXI, formadoras de espectros de perguntas: entre a invenção e a conservação, como seguir pensando a ideia de arquivo diante da imaterialidade da experiência, da simulação técnica das realidades, da memória como artifício desde o córtex até os discos rígidos e provedores de dados “em nuvem”, da intimidade como propriedade corporativa e, por fim, da vida como mercadoria do arquivo total? Como desviar do mal de arquivo diante da memória do passado para a liberação dos fantasmas do futuro?

Com o olhar atento à euforia do hibridismo e às armadilhas da tradição, o *Poiésis de Arquivo* tomou forma pela primeira vez ainda em 2017 com o apoio da PUC-Rio, tendo sido reeditado em 2019. Em 2021, de forma remota durante o isolamento social causado pela pandemia mundial do vírus Covid-19, foi organizado com uma parceria institucional entre os departamentos de Letras da UFF, do CEFET e da PUC-Rio. Em 2022, com o apoio financeiro da Faperj, além do apoio institucional da PUC-Rio e do Instituto Moreira Salles-RJ, foi ampliado como evento internacional quando contou com convidados de outros estados do país e da América Latina. A seleção dos participantes comunicadores e debatedores de todas as edições foi feita por convites diretos a pesquisadores, artistas, professores, gestores culturais, etnobotânicos, profissionais de conservação, curadores e outros saberes que se dedicam de alguma forma em suas práticas de vida e de trabalho para uma maior abrangência da ideia de

Arquivo e Memória, assim como de novos pontos de vista sobre a cultura, a arte e as políticas e partilhas do comum.

A convite da Revista Garrafa, encontram-se aqui publicados um conjunto de textos da última edição do seminário no ano passado, durante os dias 22, 23 e 24 de setembro de 2022. São escritas compostas pelas comunicadoras e comunicadores a partir de suas falas apresentadas ao longo dos três dias de debates. Esses textos apresentam formatos distintos segundo a proposta de cada autor, sendo: dois ensaios, um de Silvano Santiago e outro de Eliane Robert Moraes; três textos-experimentos propostos por Eleonora Fabião, Tatiana Devos Gentile e Ileana Pradilla; oito artigos escritos por Joana Passi, Aline Novais de Almeida, Marcelo Santos, Gonzalo Aguiar, Mario Cámara, Adriana Schneider, Leinimar Pires e Leonardo Bora; além de uma tradução de Sofia Osthoff Bediaga da entrevista de Gerd Bohlmeier feita por Adriana Schneider e Mareike Gaubitz.